



**Visita Técnica aos Territórios de vida e circulação Tikmũ'ün nas microrregiões de
Nanuque/MG e Porto Seguro/BA**

28 de junho a 27 de julho de 2024

**Relatório de atividades de cultura e
extensão universitária realizadas com
apoio da FAPESP (Processo número
22/04906-3) e do CNPq (Processo número
306149/2023-0), para publicação no portal
<https://redeindigena.ip.usp.br/>**

Produzido por: Danilo Silva Guimarães

São Paulo, 29 de julho de 2024

Este relatório de visita técnica foi construído com o propósito de comunicar e circunstanciar as atividades realizadas no âmbito do serviço Rede de Atenção à Pessoa Indígena, do Instituto de Psicologia da USP, em visita às comunidades no período e locais percorridos. Explicitamos como foi o planejamento da visita, a avaliação da demanda e definição de objetivos do trabalho, o registro da evolução do trabalho, procedimentos adotados, encaminhamentos acordados e refletidos conjuntamente. As informações apresentadas são apenas aquelas de interesse público, garantindo a proteção da confidencialidade e da intimidade das pessoas, grupos ou organizações envolvidas.

1. Identificação da comunidade visitada:

Segundo o portal do projeto Hãmhi - Terra Viva:

Os Tikmũ'ũn, conhecidos como Maxakali, são povos falantes da língua Maxakali, pertencente à família Maxakali, classificada no tronco linguístico Macro-Jê, a única hoje falada entre as demais desta família, como a Pataxó, Makoni, Kopoxó, Koropó, Malali, Kumanaxó, Kutaxó, Paname, Makuni, Kopoxó, Pirixu, etc. Somam cerca de 2800 pessoas, com alta porcentagem de crianças, distribuídas em quatro terras indígenas em Minas Gerais:

TI Maxakali - Água Boa (Santa Helena de Minas) e Pradinho (Bertópolis), 5.305 ha (1979 pessoas);

Reserva Indígena Aldeia Verde (Ladainha), 544, 72 ha (199 pessoas);

Reserva Indígena. Cachoeirinha (Teófilo Otoni), 606, 19 ha (15 pessoas);

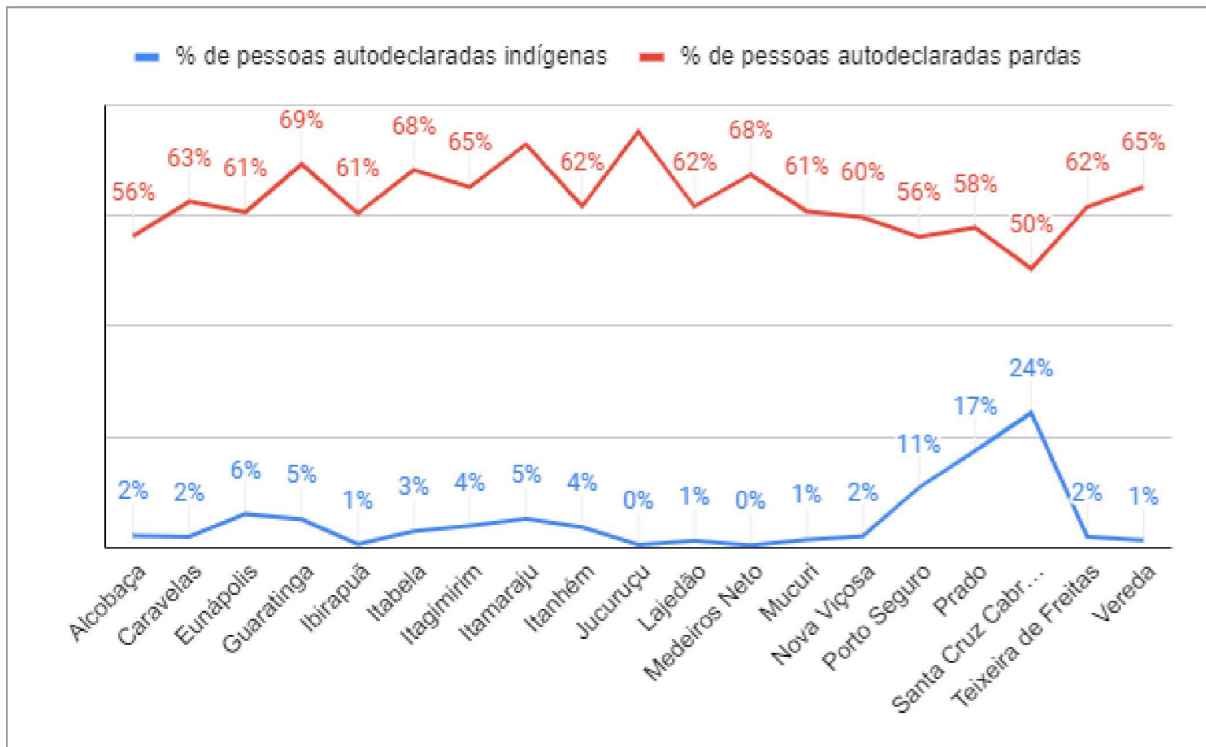
Aldeia-Escola Floresta (T.O.), 122 ha (326 pessoas).

Segundo as informações dos Tikmũ'ũn, seus antepassados vieram de várias regiões, trazendo cada um os repertórios de cantos e rituais que hoje se realizam nas aldeias. Embora sejam sistematicamente e indevidamente tratados como um único povo, estes Tikmũ'ũn mantêm ativa a memória da diversidade dos seus grupos originários que percorreram durante os séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX os espaços compreendidos entre o litoral sul da Bahia e o leste de Minas Gerais, ao longo dos vales dos rios Pardo, Jequitinhonha, Mucuri, Buranhém, Jucuruçu (ou rio do Prado), Itanhém (ou rio Alcobaça), Dôce e São Mateus e outros rios menores dessa região.

Se o projeto de destruição de seus territórios avançou, a assimilação dos Tikmũ'ũn não. Ainda hoje empreendem viagens pelas regiões ancestrais onde inventariam o que seus parentes ensinaram: conjuntos de cantos, danças, léxicos, histórias e um grande corpus de conhecimentos sobre fauna e flora, que denominam YĂMÍYXOP. Atualizam com vitalidade nas suas aldeias cerca de 12 corpora de cantos-rituais, um Patrimônio Imaterial de inestimável riqueza cultural e histórico-linguística.

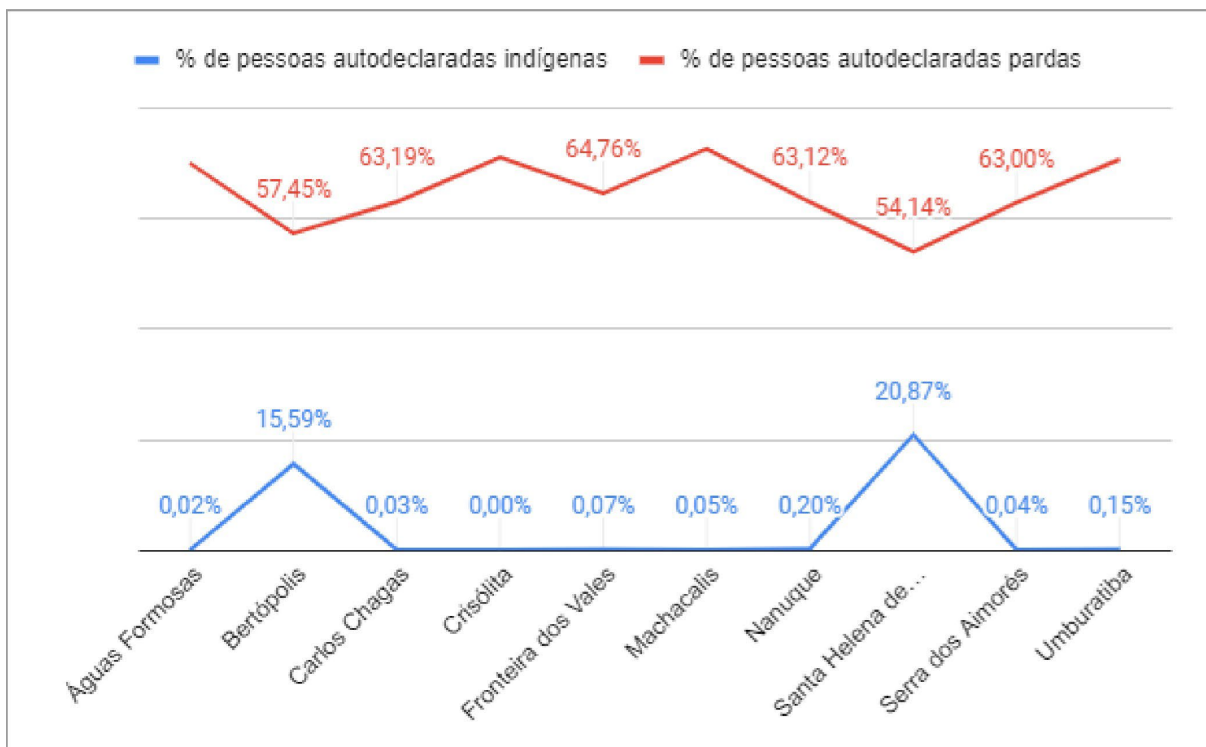
A população residente nas microrregiões visitadas, de Porto Seguro/BA e Nanuque/MG é altamente miscigenada, e apresenta um alto índice de autodeclaração indígena segundo o último censo do IBGE (2022), especialmente, no lado do estado da Bahia. É possível notar nas figuras 1 e 2, abaixo, que sistematizam alguns dados do censo, que nos municípios em que há maior autodeclaração indígena, há menor autodeclaração de pessoas pardas. Considero essa informação importante para compreender o cenário, haja vista que, em visitas preliminares ao território, percebi uma grande miscigenação indígena na população local, ao mesmo tempo em que discursos com grande teor estigmatizante do ser indígena eram recorrentes. Considero, portanto, que os dados indicam que a autodeclaração de pessoas na categoria pardo é efeito da negação da condição de ser indígena, ou da origem indígena, das pessoas que se autodeclaram.

Figura1: Pessoas autodeclaradas indígenas e pardas na microrregião de Porto Seguro, Bahia, Brasil, no censo de 2022.



Fonte: Dados coletados no portal do IBGE <https://cidades.ibge.gov.br/> em julho de 2024

Figura2: Pessoas autodeclaradas indígenas e pardas na microrregião de Nanuque, Minas Gerais, Brasil, no censo de 2022.



Fonte: Dados coletados no portal do IBGE <https://cidades.ibge.gov.br/> em julho de 2024

2. Planejamento da visita:

Em momentos preliminares à visita, fiz contato formal, através dos e-mails institucionais dos seguintes órgãos:

Porto Seguro:

- Secretaria Municipal de Assistência Social
- Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Patrimônio Histórico
- Secretaria Municipal de Saúde
- IHAC - Campus Sosígenes Costa

Itamaraju:

- Secretaria de Saúde
- Secretaria de Desenvolvimento Social
- Secretaria de Esportes e Cultura
- Secretaria de Educação

Governador Valadares:

- Funai - CR Minas Gerais e Espírito Santo

Itanhém:

- Secretaria de Saúde
- Secretaria de Educação e Cultura
- Secretaria do Desenvolvimento Social

Bertópolis:

- Prefeitura

Santa Helena de Minas:

- Secretaria de Saúde
- Secretaria Municipal de Educação
- Secretaria Municipal de Ação Social
- Secretaria de Cultura Esporte e Lazer

Teixeira de Freitas:

- Educação
- Promoção Social e Cultura
- Saúde
- Decanato do Instituto de Humanidades Artes e Ciências -IHAC-CPF

Medeiros Neto:

- Prefeitura

O conteúdo do e-mail foi similar para todos os contatos feitos, conforme reproduzo abaixo:

Proposta de oficina de formação com certificação/USP

Prezado(a) sr(a). [Nome],

[Cargo ou função]

Sou docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, coordenador do serviço Rede de Atenção à Pessoa Indígena sediado nesta instituição.

Um dos projetos vinculados ao serviço tem como foco compreender as concepções, práticas e ambientes para a saúde e o bem-viver emergentes no contexto das nossas ações de cultura e extensão universitárias (processo FAPESP 22/04906-3).

Como expansão das ações, prevemos diálogos com a comunidade indígena Maxakali e pessoas vinculadas a redes de cuidado, com o propósito de viabilizar a construção de parcerias em projetos de cultura e extensão.

Estarei na região ao longo do mês de julho, com disponibilidade para oferecer uma oficina gratuita, de duas horas, na qual pretendo introduzir a profissionais da área de saúde, educação e assistência social, bem como outras pessoas eventualmente interessadas na proposta, o conhecimento das ações de cultura e extensão que desenvolvemos.

A participação, mediante inscrição, será certificada pela Universidade de São Paulo. Para tanto, temos a necessidade de apoio com a disponibilização de um espaço (sala de aula) e divulgação.

Agradeço a atenção e permaneço à disposição para fazer todos os esclarecimentos pertinentes para viabilização da formação proposta.

Cordialmente,

Danilo Silva Guimarães

<http://lattes.cnpq.br/9266781984642215>

Professor Associado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Coordenador do Serviço Rede de Atenção à Pessoa Indígena

Co-coordenador do Laboratório de Interação Verbal e Construção de Conhecimento

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Experimental)

Obtive uma resposta do Chefe do SEDISC, FUNAI/CR-MGES, que afirmou ser positiva a iniciativa proposta, orientou a relevância de articulação com a SESAI e solicitando contato telefônico para entender melhor como poderia ser construída a pauta da oficina. Respondi agradecendo o retorno e me disponibilizando para seguir dialogando, e disponibilizei o contato telefônico solicitado.

Obtive outra resposta da secretaria de educação de Itanhém/BA, manifestando interesse na oficina proposta e ponderando a viabilidade de sua realização tendo em vista o calendário acadêmico municipal. Respondi indicando a disponibilidade para fazer as adequações necessárias para efetivar a proposta.

Preliminarmente à visita, fiz contato com uma antropóloga que desenvolveu pesquisas na Terra Indígena Maxakali e que já havia iniciado uma aproximação com a Rede Indígena no ano de 2019. No diálogo, recebi a sugestão de contatos potenciais para iniciar a aproximação com a comunidade. Uma das sugestões envolveu a proposta de um convite

preliminar, direcionado a lideranças indígenas, para uma visita à Casa de Culturas Indígenas da USP, às comunidades indígenas de São Paulo e ao Museu das Culturas Indígenas.

O convite foi aceito e tivemos a oportunidade de receber José Antoninho Maxakali e Dona Célia Maxakali na Universidade de São Paulo, entre os dias 23 e 27 de junho de 2024. Participaram do Nhemboaty na Casa de Culturas Indígenas, de uma visita à Terra Indígena do Jaraguá e de atividades no Museu das Culturas Indígenas.

Para minha ida, sugeriram o diálogo com uma antropóloga em Porto Seguro/BA, com a qual possuíam parcerias de longa data. Com a disponibilização do contato, foi possível agendar um encontro.

Considerando os resultados das articulações preliminares, o planejamento inicial da visita se estruturou da seguinte maneira:

1. Encontro com antropóloga indigenista em Porto Seguro/BA;
2. Realização da oficina de “Psicologia Indígena: saúde e bem-viver” com apoio da Secretaria de Educação de Itanhém/BA;
3. Visita à Terra Indígena Maxakali;
4. Tentativa de diálogo com a SESAI;
5. Tentativa de diálogo com a FUNAI;

3. Avaliação da demanda e definição de objetivos do trabalho:

- A principal demanda emergente na visita à comunidade indígena foi a de viabilizar a realização dos rituais YÁMÍYXOP.
- Para tanto, são necessários, dentre outras coisas, realizar deslocamentos de pessoas dentro e fora do território indígena, aquisição de insumos, água potável e acesso à internet.
- As mudanças no território, ao longo das últimas décadas, tornaram escassas a fauna e a flora que são a base da subsistência das comunidades e condição para realização dos rituais.
- As mudanças no território também impactaram a qualidade do acesso à água potável.
- As dificuldades para a realização dos ritos parecem impactar a saúde integral das pessoas indígenas que transitam pelas cidades do entorno para adquirir os itens necessários à subsistência e para a realização dos rituais.
- O trânsito também pode ser motivado pelo desejo de conhecer e ensinar sobre as cidades, fortalecimento das memórias dos antepassados, formação de alianças, dentre outros motivos.
- Os deslocamentos, embora fundamentais para assegurar o modo de vida Tikmũ'ün, parecem ser custosos, tanto economicamente quanto emocionalmente.

- As relações interpessoais nos processos de deslocamento podem ser hostis, com exposição a situações de violência, potencial consumo prejudicial de produtos industrializados em ambientes pouco seguros.
- No âmbito da sociedade envolvente, foi possível notar a predominância de um desconhecimento profundo do modo de ser indígena, que impacta o acesso da comunidade a serviços básicos relevantes à promoção da saúde integral e do bem-viver.
- A definição dos objetivos do trabalho demanda a construção preliminar de vínculos de confiança entre as pessoas envolvidas, para dialogar sobre desafios no cuidado em saúde e bem-viver Tikmũ'ũn.
- A construção do vínculo é relevante para potencial contribuição da Rede no delineamento de ações promotoras de cuidado, articulando pessoas das comunidades indígenas e das comunidades locais, dentre parceiros e instituições relevantes com histórico de atuação junto às comunidades.
- Projetos de retomada da fauna e flora no território estão em andamento, com expectativas de fortalecimento das práticas rituais promotoras do cuidado em saúde e bem-viver alinhadas à cosmovisão Tikmũ'ũn.

4. Registro da evolução do trabalho e procedimentos adotados:

1. Em Porto Seguro/BA, dialoguei com uma antropóloga que possui vínculos consolidados com as comunidades Tikmũ'ũn. Tomei conhecimento do projeto Hãmhi - Terra Viva que tem como principal objetivo “formar Agentes Agroflorestais Tikmũ'ũn responsáveis pela implementação e manejo de quintais agroflorestais e a recomposição florestal, aliando conhecimentos tradicionais aos princípios da agroecologia na recuperação ambiental de suas terras e reconquista da soberania alimentar” (cf. <https://www.hamhi.org/>).
2. Em Itamaraju/BA, dialoguei com o ex-secretário municipal de educação, que indicou a existência de trabalhos da administração municipal junto a comunidades Pataxó situadas no município.
3. Em Teixeira de Freitas/BA, dialoguei com agricultores que relataram a presença de muitas pessoas Maxakali em passagem para o litoral da Bahia nos anos 70. Atualmente, é regular a presença de famílias indígenas no centro da cidade, onde recebem doações de aliados e pessoas que ficam sensibilizadas pela sua presença.
4. Em Itanhém/BA, me reuni com a secretária municipal de educação que se disponibilizou para apoiar a realização da oficina “Psicologia indígena: saúde e bem-viver”, agendada para o dia 23 de julho, na Casa da Cultura do município.
5. Na Terra Indígena Maxakali, pude conviver por alguns dias com a comunidade, expondo o propósito da minha visita e acompanhando momentos rituais. O núcleo que me recebeu agendou uma reunião envolvendo diversos núcleos da Terra Indígena, representantes da FUNAI, SESAI e da prefeitura de Bertópolis.
6. Nos deslocamos pelos municípios do entorno para agendar a reunião com representantes da FUNAI, SESAI e da prefeitura de Bertópolis, bem como para adquirir alimentos.

7. Foi possível acompanhar de perto uma parte da grande mobilidade Tikmũ'ũn por contextos rurais e urbanos do entorno (Distrito de Batinga, Itanhém/BA, Distrito de Umburaninha, Bertópolis/MG, Bertópolis/MG, Santa Helenade Minas/MG, Machacalis/MG).
8. Retorno a Itanhém/BA, para aguardar a data da reunião entre os núcleos comunitários, FUNAI, SESAI e prefeitura de Bertópolis.
9. Retorno à comunidade indígena para apoiar a organização da reunião agendada para o dia seguinte. Pintura do corpo com jenipapo. Visita aos diferentes núcleos familiares da Terra Indígena, para convidar para a reunião. Ausência de representante da prefeitura de Bertópolis/MG na reunião.
10. Na reunião houve apresentação das demandas para realização dos rituais YĂMĨYXOP, apresentação de preocupações quanto à exploração dos rituais em processos de pesquisa que, eventualmente, acontecem sem ampla autorização comunitária e da FUNAI e apresentação de preocupações quanto ao uso indevido das demandas comunitárias para arrecadação de valores que acabam não destinados à comunidade.
11. Após a reunião foi organizado um ritual que marcou a minha despedida da comunidade.
12. Em Nova Viçosa/BA dialoguei com uma professora da UNEB sobre as potenciais ações de extensão envolvendo a Rede Indígena da USP e as demandas do contexto Maxakali. Fiz observação do cais e do centro histórico. Conheci o legado do artista e ambientalista Frans Krajcberg (Kozienice, 12 de abril de 1921 - Rio de Janeiro, 15 de novembro de 2017).
13. Em Teixeira de Freitas/BA, me reuni com professoras na UNEB para dialogar sobre as potenciais ações de extensão envolvendo a Rede Indígena da USP e as demandas do contexto Maxakali. As professoras mencionaram iniciativas envolvendo outras comunidades indígenas existentes na região. Circulação pela cidade para observar sua expansão, abertura de novos bairros. Aprofundamento de diálogos sobre a vida e a obra do artista ambientalista Frans Krajcberg, que foi morador de Nova Viçosa/BA.
14. Em visita a Alcobaça/BA, realizei observação do cais e do centro histórico. Fui interpelado por pessoas interessadas nas pinturas de jenipapo que marcavam o meu corpo.
15. Em Teixeira de Freitas/BA, organização do curso "Psicologia indígena: saúde e bem-viver", inscrições e preparação do conteúdo.
16. Retorno a Itanhém/BA e adiamento da reunião com indigenista da FUNAI em Santa Helena de Minas/MG.
17. Reunião com psicólogo da SESAI em Machacalis/MG. Partilha de reflexões sobre desafios e especificidades no cuidado à saúde integral das pessoas indígenas. Disponibilidade para construção de potenciais parcerias.
18. Reunião com indigenista da FUNAI em Santa Helena de Minas/MG. Partilha de reflexões sobre desafios e especificidades no atendimento às pessoas indígenas. Compreensão da distinção entre pesquisa e extensão universitária e dos caminhos para a formalização dos vínculos institucionais e comunitários. Breve diálogo com o prefeito e com uma professora da UFMG envolvida em projetos de educação e reflorestamento Hămhi - Terra Viva.
19. Em Itanhém/BA, organização do curso "Psicologia indígena: saúde e bem-viver", inscrições e preparação do conteúdo. Breve diálogo com secretário de Saúde.

20. Recebemos 60 inscrições, de profissionais vinculados a diversas instituições, tais como Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), secretarias municipais de educação, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), Centro de Atenção Psicossocial (CAPS); Hospitais, diretores e professores de escolas, profissionais de serviço social, docentes e estudantes universitários.
21. A oficina contou com 40 participantes presentes. Foi estruturada conforme o seguinte roteiro: a) Recepção dos participantes; b) Apresentação do roteiro da oficina aos participantes; c) Nhemboaty (atividade em grupo) visando o levantamento de episódios e temas pertinentes à experiência dos participantes com as pessoas e comunidades indígenas; d) -japyxaka (exposição dos grupos); e) Sistematização dos temas levantados pelo grupo; f) Intervalo; g) Exposição de noções introdutórias do campo da Psicologia Indígena; h) Discussão das noções de saúde e bem-viver; i) Apresentação da Rede Indígena da USP; j) Diálogo de encerramento com o levantamento de propostas de encaminhamento.
22. Dentre os temas levantados pelos grupos na atividade proposta, destaco: a) o tema do luto e dos rituais indígenas de cura que seguem outras lógicas de organização do tempo, muitas vezes conflitantes com as prioridades da organização institucional do trabalho das equipes que atendem as comunidades; b) preconceitos e intolerância em relação aos indígenas quando se fazem presentes no contexto urbano; c) Reconhecimento de que muitas pessoas do contexto urbano possuem ascendência indígena e necessidade de conhecer a história das famílias residentes no território; d) ruídos na comunicação e dificuldades de tradução no diálogo com as pessoas indígenas; e) Necessidade de respeitar as pessoas e comunidades indígenas e colocar em prática conhecimentos que os profissionais já detêm a respeito do trabalho com pessoas e comunidades indígenas; f) Acolhimento dos indígenas que se deslocam pelo território; g) Construção da confiança nas relações entre pessoas indígenas e os profissionais responsáveis pelo acolhimento nos municípios.
23. Retorno a Porto Seguro, participação em atividades do primeiro dia do Aragwaksã 2024: I Seminário Nacional de Etnovivências em Territórios Indígenas e o Enfrentamento à Crise Climática, na Reserva Pataxó da Jaqueira.
24. Reencontro com membros da comunidade Maxakali que me recebeu na Terra Indígena e diálogos com outras pessoas presentes sobre a situação das comunidades indígenas locais e interesses futuros em relação à mobilidade pelos territórios, demarcação de terras e ingresso nas universidades.

5. Encaminhamentos:

Do diálogo com pessoas da comunidade indígena emergiram os seguintes encaminhamentos: a) acompanhar editais para apoio à construção de projetos de interesse das comunidades, em especial, visando a realização dos rituais YĂMÍYXOP; b) propiciar o intercâmbio com visitas de membros da comunidade à universidade; c) retornar a comunidade para aprofundamento dos vínculos, articulação e revisão conjunta das produções em colaboração.

Do diálogo com pessoas vinculadas à SESAI, FUNAI e universidades, emergiram os seguintes encaminhamentos: a) acompanhar e apoiar canais de diálogo entre a comunidade

indígena e a sociedade que se estabeleceu no território de vida e circulação Tikmũ'ũn, para desdobramento de ações de cuidado mútuo, promotoras de saúde e bem-viver; b) construção de redes intersetoriais, envolvendo as universidades e equipamentos públicos.

Do diálogo com os participantes da oficina, emergiram os seguintes encaminhamentos: a) organização das informações das pessoas participantes, vínculos institucionais; b) partilha das informações organizadas e construção de um grupo para continuidade da articulação entre as pessoas; c) proposição de novas atividades de formação com aprofundamento das temáticas em articulação com as demandas específicas dos profissionais e instituições envolvidas; d) ampliar a participação indígena nas novas atividades de formação.

6. Locais percorridos:

Porto Seguro/BA

Itamaraju/BA

Teixeira de Freitas/BA

Itanhém/BA

Terra Indígena Maxakali

Distrito de Batinga, Itanhém/BA

Distrito de Umburaninha, Bertópolis/MG

Bertópolis/MG

Santa Helena de Minas/MG

Machacalis/MG

Nova Viçosa/BA

Alcobaça/BA

Reserva da Jaqueira

7. Período da visita:

Início: 28 de junho Término:

27 de julho de 2024

8. Participantes:

Pessoas da Terra Indígena Indígena Maxakali

Representantes da FUNAI

Representantes da SESAI

Docentes da UNEB

Indigenistas com e sem vínculos acadêmicos

Pessoas da comunidade local

Secretaria de Educação do município de Itanhém/BA

Pessoas inscritas na oficina “Psicologia Indígena, saúde e bem-viver”